RelevO PARANÁ – OUT./2015 – ED. II – ANO VI

4 CLARISSA MACEDO
8 ISABELLA GLOCK
9 MARCELO DE ANGELIS
10 CESAR FELIPE PEREIRA
11 ELLEN M. DE VASCONCELLOS
14 RICARDO H. RODRIGUES
15 DANIEL PERRONI RATTO
17 JULIE FANK
18 RICARDO DOMENECK
19 WILLIAM ZEYTOUNLIAN
20 LUCIANO GIAMBARRESI GANHO
24 YASMIN NIGRI

Editorial

A edição de outubro do periódico mais escalafobético e paralelepípedo do Brasil marca o início de um novo ciclo na casa: novo projeto gráfico, com tentação de melhorar a experiência de leitura e equilibrar gêneros literários; diminuição de páginas para aumentar o rigor nas publicações e reverter finanças para o aumento de distribuição; e algumas novas experiências de interação, como a divulgação mais intensa de nossa newsletter, a Enclave, dos caminhos de assinatura e anúncios e de uma & outra graça.

O que queremos, além de nos divertir? Simples. Acreditamos que o **RelevO** pode ser um curioso recorte da produção literária contemporânea, capaz de apresentar aos seus leitores o que consideramos bom (com tudo o que o termo carrega de subjetivo, reducionista) e aleatoriamente significante. Naturalmente, publicaremos mais autores paranaenses. Contudo, a motivação está mais para o público que lê do que para a defesa de territorialidade; circulamos mais no Paraná. Mais autores paranaenses leem o jornal, logo, nos enviam contribuições com mais regularidade. E continuamos independentes de financiamento público e apresentando nossas contas – o impresso sem fins lucrativos porque não consegue. Gastamos o dinheiro que as pessoas escolhem nos dar.

As mudanças são necessárias porque, enfim, estávamos cansados do projeto gráfico antigo. Também precisamos melhorar nossa comunicação e processos. Em tempo: essa edição define o começo do ombudsmanato do jornalista Ben-Hur Demeneck. Deem trabalho a ele, escrevam, reclamem.

Esperamos que você se divirta conosco.

Uma boa leitura.

expediente

Fundado em setembro de 2010.
Editor Daniel Zanella
Editor-Assistente Ricardo Pozzo
Revisão Mateus Ribeirete
Ombudsman Ben-Hur Demeneck
Projeto Gráfico Marceli Mengarda
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 3500
Edição finalizada em 9/10/2015.

errata

Na edição passada, não colocamos o link original dos trabalhos de Tiago Jonas, que é este: interzona.com.br.

ilustrações

Todas ilustrações dessa edição são aquarelas (!) do Marcos Beccari.

Você pode conferir mais trabalhos no instagram.com/marcosbeccari/

*quer ilustrar para o **RelevO**? escreva para jornalrelevo@gmail.com*

hits da semana

as mais pedidas no **RelevO**

#1 Piranha – Alípio Martins
#2 Melô do Jonas – Figueroas
#3 Ô Carla – LS Jack

Anuncie!

Há muitas razões para anunciar no **RelevO**. Nossos anúncios são bonitos, feitos por artistas plásticos de coração bom e que atravessam na faixa.

Custam pouco – entre 50 e 100 reais – e o anúncio é visto por 3 mil leitores no impresso e aproximadamente 12 mil na edição online. Além de tudo, sua empresa ou empreendimento pessoal auxilia a nos manter independente e longe dos precatórios.

Anunciar aqui é simples *demais*. Como sempre, basta entrar em contato por email ou enviar sinais de fumaça.

prestação de contas set/15

ANUNCIANTES
R$ 50 Loteria Avenida; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Torto Bar; Totem Pagu; **R$ 100** Editora Penalux; Toda Letra; **R$ 120** Escola de Escrita; **R$ 150** Editora Kotter; **R$ 300** Allejo (total R$ 1.120).

ASSINANTES
R$ 50 Sálvio Kotter; Pedro Spigolon; Ben-Hur Demeneck; Nuno Rau; Bruno Meirinho; Andréia Gavita; Fernando Koproski; **R$ 100** Daniel Martini; Alexandre Guarnieri (total R$ 550).

CUSTOS
Assinaturas: R$ 200
Distribuição: R$ 100
Impressão: R$ 1.390

Receita total: R$ 1.670
Custo total: R$ 1.690
BALANÇO: R$ -20

Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeirete, idólatra de Totti e animais de pequeno porte. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Edward Hopper a futebolistas-Pókemon.

Para assiná-la, basta acessar:

http://jornalrelevo.tumblr.com

hiperlink

só que não tem onde clicar. você está lendo um jornal, lembra?

*da **Enclave #20**:*

#2 É raro ver algum game classificado como o pior de toda a história. *Desert Bus*, no entanto, consegue, não por falta de intenção, atingir essa classificação por um motivo claro: é sensacionalmente chato. Criado pela dupla Penn & Teller, os mágicos mais céticos do planeta, *Desert Bus* é um minigame presente em *Penn & Teller's Smoke and Mirrors*, e consiste em uma viagem de ônibus de Tucson, Arizona até Las Vegas, Nevada. A viagem, no entanto, não tem passageiros. Ou obstáculos. Ou outros veículos. Ou curvas. Ou a possibilidade de *pausar*.

Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Assinam nosso periódico por R$ 50 ao ano e recebem o exemplar no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta escrever para **jornalrelevo@gmail** e dizer: "Como faiz?". Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

interwebs

/jornalrelevo
/jornal.relevo
/jornalrelevo
jornalrelevo@gmail.com

Cartas do Leitor

BODAS DE MADEIRA

Rosa Leme: Josette Garcia estava excelente na edição de setembro. Aliás, o **RelevO** estava um primor,

Abel Andrade: Oi, Jornal **RelevO**, deixo aqui o link de meu blog de poesia: andradeabel.blogspot.com.br. Obrigado!

DA REDAÇÃO: *Não tem de quê!*

Benedito Costa: Parabéns por essa linda edição e muitíssimo grato!

RELEVO FESTIVAIS

Rômulo Candal: Fui censurado por ter feito a denúncia da mensagem subliminar colocada no lineup. Reitero: já sou assinante, não preciso ser LUDIBRIADO.

Alina Prochmann: O período de enfermidade criativa tomou conta de todo o jornal.

Rafael G. Ehlke: Mas meu deus festival de quê?

DA REDAÇÃO: *Não nos responsabilizamos pelas alucinações coletivas.*

PODE ACONTECER

Juan Leite: Oi, fui hoje na Biblioteca Pública do Paraná, pegar um exemplar do **RelevO**, mas infelizmente já tinha acabado. Como faço para conseguir a edição desse mês? Queria muito!

DA REDAÇÃO: *Juan, nós deixamos uma quantidade significativa de jornais lá na BPP, sempre por volta do dia 10 de cada mês. A partir disso, o pessoal interno vai colocando no guichê de entrada de tantos em tantos, sempre pensando em não acumular no balcão – também são distribuídos por ali o Cândido e o Rascunho. Ou seja, dá um trabalhão monitorar as quantidades. Acontece também de depois do dia 20 não ter mais exemplares mesmo, pois todos foram distribuídos.*

ANTOLOGIA

Carla Carbatti: Linda capa! Uma alegria fazer parte dessa antologia.

Beatriz Faustino: A capa é de quem?

DA REDAÇÃO: *Da excelentíssima Maria Lima. Mais informações sobre o trabalho dela, aqui: marialimaportfolio.blogspot.com.br.*

Julia Raiz: Tá lindo! Que satisfação estar nessa edição de 5 anos. Obrigada!

Miriam Adelman: Precisando do meu exemplar, Daniel Zanella!

DA REDAÇÃO: *Vai chegar, Miriam, vai chegar.*

IDEIAS

Anderson Scarpa: Qual o sentido de ficar gastando papel nos dias de hoje? Acho um desperdício. Vocês deviam ficar só com a edição online.

DA REDAÇÃO: *Agradecemos o conselho, Anderson. Nunca tínhamos pensado nisso.*

ENCLAVANDO

Tais Abatti: Bom dia. Sou leitora da escritora Aline Valek e recebo a newsletter dela há algum tempo. Assinei o **RelevO** por uma indicação feita em um de seus textos.

DA REDAÇÃO: *Aline Valek é nóis!*

próxima edição

Vinícius Perez
Bolívar Escobar
Sommeliers de esperma
Imagem & Ação

CLARISSA MACEDO

Pequeno retrato do tempo

Comovido, o seio levanta
ao sinal do primeiro cio.

Distante, aquela senhora sonha
a primavera cardíaca da rua;
a moça que compreende trapos
cogita a possibilidade de um
poema
e a tarde cede ao crepúsculo
sem novidade, sem ruído.

De cabelo sujo, o rapaz
engorda e se pesa na farmácia,
se pensa no peso do mundo –
os vitrais pincelam mais uma
multidão.

As cápsulas daquele antídoto
estão vazias

e as estrelas seguem calmas
céu abaixo,
desenhando uma nova solidão.

OMBUDSMAN

Ben-Hur Demeneck

A prestação de contras

O *ombudsman* é o *cosplayer* do leitor. Afinal de contas, o leitor é o herói do *ombudsman*. Primeiro, porque ele devora páginas rodeado por uma massa de uns 88 milhões de brasileiros não leitores. Segundo, porque nosso personagem se interessa por textos deliciosamente inúteis numa sociedade viciada pela informação. Portanto, esta coluna sempre se escreve em tributo ao leitor desconhecido.

O *ombudsman* é tão adorável quanto qualquer figura que faça mediação de disputas. É tão querido quanto um árbitro de futebol que, embora honesto e experiente, perdeu o condicionamento físico para correr um clássico. Apenas não pense que, diante de tais contingências, ele vá deixar de intervir quando possa. Faz parte do jogo.

Arrolar deslizes e reclamações exige cautela. Muito assunto de interesse público ainda se converte em discussões pessoais ou em fantasias de conspiração graças ao fato de que, no Brasil, o espírito da Inquisição tenha chegado antes do espírito da imprensa. Tradição que foi renovada a cada geração, como na época em que era aberto concurso público para contratação de censores de jornal.

Um *ombudsman* deve ignorar fuxicos, picuinhas, solilóquios e experiências catárticas alheias a fins estéticos. A sua missão passa por sugerir a autocrítica e por destacar o papel dos leitores em uma publicação – mostrar que eles são tão importantes quanto quem produz o meio e a mensagem. Sem mais rodeios, vamos começar nossa prestação de contras.

Oito páginas a menos

Uma em cada quatro páginas do **RelevO** desaparece. Em números absolutos: cortam-se oito páginas em favor de 500 exemplares extras (aumento de tiragem de 16%). Segundo os produtores do jornal, a perda de espaço será compensada com maior qualidade dos textos.

Uma diminuição de 25% do tamanho do jornal implica necessariamente em: (a) menor quantidade de autores; (b) menor tamanho de textos; (c) as duas opções anteriores. Ao recuperar a trajetória do jornal, constata-se que ele começou com 8 páginas, em outubro de 2010. Lá por 2013, ele teve 12 e, depois, 24 páginas. Em 2014, no período em que o Brasil comentava a queda do avião do candidato presidencial Eduardo Campos, o **RelevO** circulava com 32 páginas.

"Promover novos autores, abrir espaço aos cronistas sem jornal, aos cronistas que, cada vez menos, detêm espaço nas linhas editorais modernas" – destaco esse trecho do editorial da primeira edição para dialogar com você, leitor. A pergunta é: se os gastos em gráfica permanecem os mesmos, cortar oito páginas lhe parece uma escolha editorial acertada? Aumentar a relação "texto enviado / texto publicado" reforça ou fragiliza o compromisso de divulgação dos "cronistas sem jornal"?

A perda de diversidade pode ser compensada por maior qualidade? Vinte e quatro páginas são suficientes para dar vazão aos autores que merecem publicação no jornal? Leitor, mande a sua resposta. Ainda que ninguém duvide que o **RelevO** inscreva a literatura na rotina de milhares de brasileiros, quero saber qual é a sua avaliação quanto ao novo horizonte de trabalho (Menos Espaço, Mais Qualidade).

O leitor quer saber

ENTREGA: cinco assinantes reclamaram de atraso nas entregas dos exemplares. A equipe responsável pelos despachos postais admite o erro; lentidão que foi agravada pelo indicativo de greve dos Correios. Protesto devidamente registrado, pois a leitura urge!

ERRATA: a pedido do colaborador Tiago Jonas, a nova edição publicará uma errata contendo o endereço da página Interzona. Motivo: indicar que houve republicação de conteúdo.

FALTA DE SITE: um leitor questionou a ausência de site e de opções online para fazer a assinatura do **RelevO**. Embora não haja porque ser contra a criação de um site, não se pode subestimar os gastos de manutenção de um portal. Já fui editor de publicação independente e esse tipo de pergunta me era comum. Porém, nem sempre o leitor observa que uma página virtual exige um excedente de capital e de trabalho – os quais já custam muito para o impresso chegar às ruas. Enquanto aguardamos novidades, o jeito é se contentar com os PDFs do Issuu. Quanto às opções de assinatura online, elas merecem atenção imediata. A partir de *PayPal* e sistemas semelhantes, muitas publicações e eventos têm conseguido maior sustentabilidade.

Evento "Literatura de confronto"

Uma vez que a visibilidade de novos autores importa ao **RelevO**, vale a pena conferir manifestações como o ciclo Literatura de Confronto. O evento foi sediado no Centro Cultural São Paulo durante os dias 18 e 20 de setembro. A convite dos escritores Márcia Denser e Ricardo Soares, cerca de 15 debatedores fizeram um diagnóstico crítico do circuito literário.

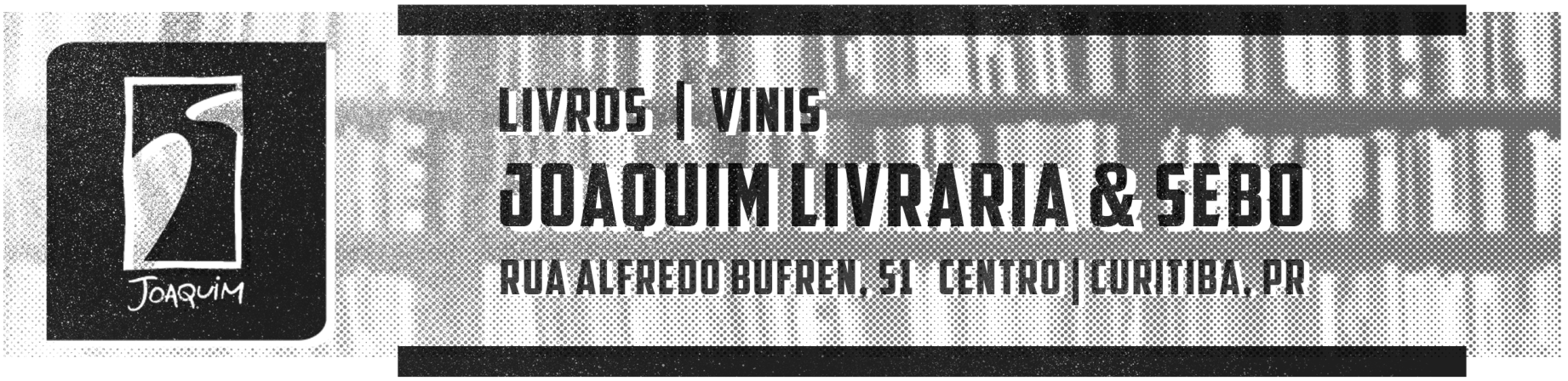
Os títulos das mesas-redondas dispensam comentários e deram o tom das discussões: (a) "Literatura de Confronto vs Literatura de Conforto: mercantilização, mediocrização e curriolização da literatura nos dias atuais", (b) "O Vazio Crítico (A renovação da crítica - espaços vazios - ficção científica & outras) e (c) "Obra Aberta – Caminhos (Editores Independentes, Internet e Poesia Sempre)".

"Não queremos excluir quem está em atividade. O que questionamos é a representatividade de quem fala em nome da literatura brasileira atualmente", resumiu Ricardo Soares em sua fala de abertura. Para quem quiser saber mais do ciclo, os textos das palestras estão disponíveis no blog Escrita (**escritablog.blogspot.com.br**, no post do dia 02 de outubro).

AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881

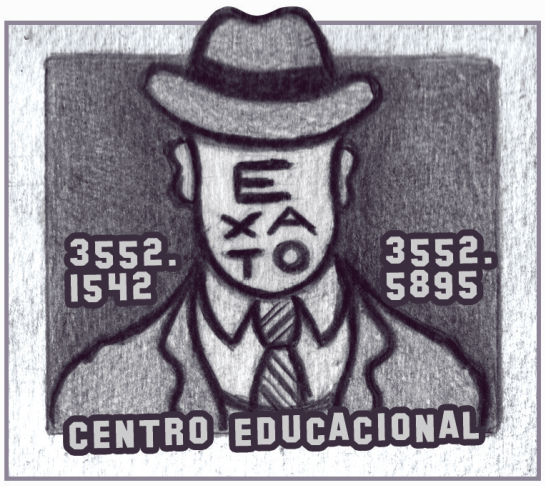
Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

Alan Amorim

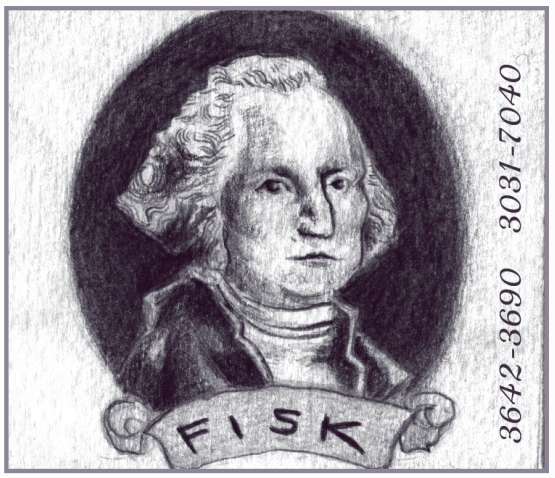


INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

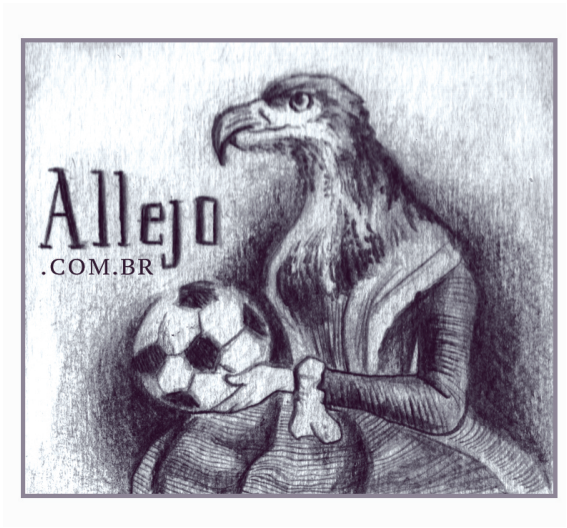


AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO – ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

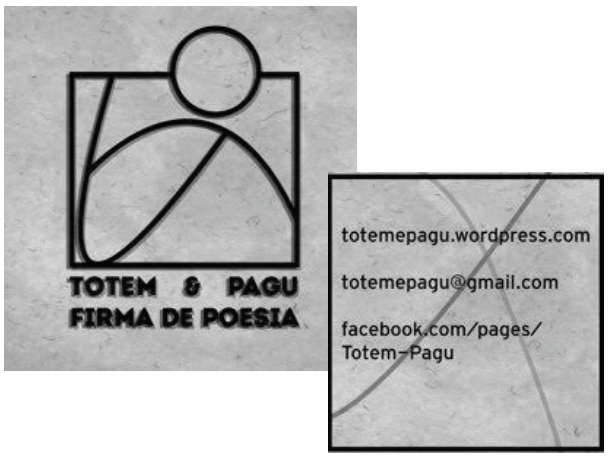
Alan Amorim



Ei, você! (é, você mesmo!)

ANUNCIE NO RELEVO!!!

entre em contato:
jornalrelevo@gmail.com



Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

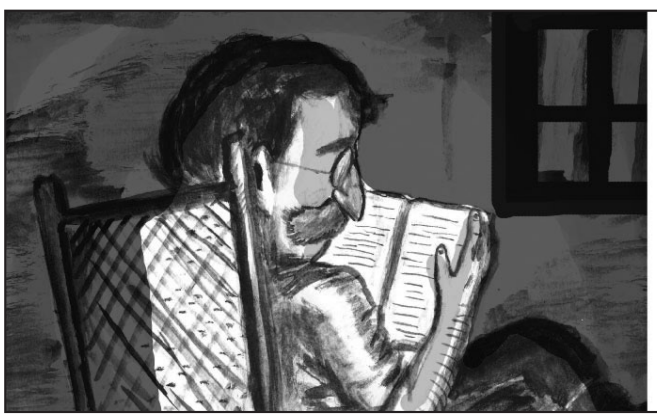
ESCOLADEESCRITA.COM.BR 041 3114-7100 CONTATO@ESCOLADEESCRITA.COM.BR

AL. PRESIDENTE TAUNAY, 301, FUNDOS DA CASA DE PEDRA, BATEL -CURITIBA-PR (41) 3039-6895

CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO ARAUCÁRIA-PR

Luiz Otávio Prendin Costa



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).

Conheça nosso trabalho, acessando **www.editorapenalux.com.br** e **facebook.com/penaluxpenalux**.

Para envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

ISABELLA GLOCK

Parem de criticar nossa geração. Mal posso esperar por ter cabelo brancos vou ter um platinado perfeito 4h20 satnás um dia um cara tentando descobrir meu orixá de cabeça perguntou se eu gostava de chuva e eu falei que odeio porque estraga o cabelo criei um twitter porque fiquei com vontade de dizer que nao adianta você saber a diferença entre irã e iraque e ser infeliz falando nisso eu preciso me decidir de uma vez por todas se eu quero ser feliz e desinteressante ou infeliz e cool esses dias paguei micao na balada mas pelo menos eu tava linda pena que nao tinha fotografo wtf pq eu fui numa balada que nao tinha fotografo quem que vai pra balada sem fotografo sos lana del rey é literalmente nada de especial se uma pessoa me oferece coca cola eu falo que nao tomo e ela responde "nossa que saudável" já vi que nao vou fazer amizade odeio drogas psicodelicas eu quero saber quem foi o desgraçado que roubou meu rosmaninho tao querendo roubar minhas energias positivas aaaaaaah gente acabei de perceber que faz 2 meses que perdi meu quartzo fume e ainda nao o repus será que é por isso que minha vida ta uma bosta Sdds poder dar pt na área vip NOSSA que incenso bom devia dar pra postar cheiros na internet to com raiva só de pensar quanto falta para acabar setembro e as pessoas fazerem aquela piada idiota do billy joe nunca mais vou sair pra balada a nao ser que seja pra trabalhar e olhe lá meus vizinhos acharam adequado aspirar a casa agora mas pior foi quando começaram a furar a parede 2h da manha. Só não tinham aquele aparelho essencial né. O setocometro. Odeio gente que pensa que por nao estar trabalhando, nao sou uma pessoa ambiciosa.

MARCELO DE ANGELIS

relato do artista enquanto relva

o pudor do verso
ancorado na aurora
a cor do sangue coagulado
enquanto o tempo nele se detém
o limo verde musgo
sobre os tijolos vermelhos
da casa sem dentes
vindo das regiões mais obscuras
o olho percorre a tela
e atravessa as espessuras do dia
até naufragar na claridade
como um cego que carrega
a macia essência da noite
e vislumbra a brancura da morte

caminho salgado de pássaros
em que espelhos e estrelas
se multiplicam como estilhaços
dentro do peito
só amamos aquilo
que não possuímos por inteiro

ou por completo

CESAR FELIPE PEREIRA

Decidido

Como invejo Dostoiévski: ele não teve problemas com celular. E nem Raul, o profeta de dez mil anos. Pessoas felizes. Não tiveram aos seus encalços

namoradas perturbentas

mães preocupadas

chefes importunantes

toda a raça de credores

, viveram felizes tomando seus licores... Vodkas. Pingas. Tinham à frente apenas o feltro verde da jogatina e a música rolando ao bel-prazer. Sem chance cansarem dessa vida.

Mas aqui, sul do Brasil, aquela mesma Curitiba

– rodada batida recorrente –

, a realidade é outra. Os coitados dos pobres empregados mal conseguem a alforria diária das 18 horas, já recebem

torpedos mensagens chamadas.

O jeito é responder: "Estou a caminho, já estou na XV". É o que fazem: desbaratinam, ganham tempo. Mas é real que uma hora vão mesmo embora. Formam filas nas praças

– a Santos Andrade, a Carlos Gomes, a Tiradentes, a Rui Barbosa –

e se mandam. Desesperam-se direto pra casa, mas acabam trombando os camaradas... "Ei, vamo lá no Bar do Paulo?!" A pedido tão sentido, não resistimos: "Tá bom, mas só uma..." Uma nada, béra a rolê! Sobriedade às favas! Das sete, ficamos lá até as onze [o Paulo é assim meio chato mesmo, fecha cedo]. Dali é certo, a casa é o destino. Quase chegando, pé direito dentro do portão, os vizinhos gritam: "Ei Chico, chega mais, assume aqui o violão". Não há Cristo que resista. Lá vamos nós, tomá uma baiúca! Desce aqui, empina ali, faz a mistura, tubão na mão, o conúbio etílico refrescante com limão.

Lá pelas duas da matina chego em casa. Cautelosamente, pé ante pé, os joelhos estralando. A mulher nem percebe, e o anjo suspira no berço esperando seu momento de atuar no mundo cão. Deito ao lado da princesa, as barrigas competindo. Muito gole. E em breve novo anjo.

Na sequência, dia seguinte, decido que vou mudar. Às quatro da tarde peço licença ao chefe, compro flores, passo perfuminho, sou todo dengo, todo amores... Pego táxi – o luxo do mês –, chego na esquina da residência às quatro e quarenta e cinco. O plano? Voar pra casa mais rápido que uma bala, minha mulher não merece desgosto. Já no rumo certo, decido fazer surpresa: comprar queijo e presunto. Preparar café. Um lanchão assim-assim.

Na mercearia, os freezeres cheios de cerveja à espera dos trabalhadores. Com as ideias tudo abaixo. Sou mesmo um bêbado, ali me acabo,

esse é o meu fim.

ELLEN MARIA MARTINS
DE VASCONCELLOS

Angle of yaw

Aquela fileira pública de dentes
permitia que cada um a interpretasse
de acordo com sua capacidade de experiência estética
Quem provou da fruta sabe
que melancia não se come a casca
Você está dormindo?
O tempo verbal influencia a direção do sonho
e a posição do pescoço, inerte no travesseiro.
Nada que uma gramática non revele
ou o status do facebook.
Parece mesmo estar feliz, não é?
Secretamente busca sentir ciúmes
da ex do ex e de quem é aquele dedo no canto na foto.
Lançará um livro e pensa na dedicatória
Viajará ao país onde a salsicha se vende a peso bacon extra
Pensará outra vez em fuga e abstenção
Essa fotografia é antiga
Em liquidação, um travesseiro da NASA.
Para a tradução/revisão no meio e enfia mais um pedaço na boca
Ladies and gentlemen, já é permitido desabrochar os cintos
Entre pela última vez na página de citações
Valendo: *partir é viver excessivamente*.

Por que Anne Frank atravessou a rua?

Para ser levada ao Escritório Central de Segurança do Reich, na manhã de 4 de agosto de 1944.

Quantos membros da família Frank são necessários para trocar uma lâmpada?

Quatro, pois todos eles estiveram sempre unidos.

Em uma sala, há quatro gaúchos e um só banquinho. Como fazer para que todos fiquem acomodados?

Basta virar o banquinho de ponta-cabeça: cada gaúcho senta em uma das pernas. No anexo secreto de Anne Frank, era necessário dividir assentos, camas e até penicos.

O filho de um argentino caminha com seu pai e comenta:

– Papai, quando yo crescer quiero ser como usted.
O pai, todo orgulhoso, pergunta: “E por que, hijo?”
– Para tener un hijo como yo!
Nem Anne Frank, nem sua irmã Margot puderam crescer para ter filhos.

O que você faria se tivesse uma arma com duas balas e estivesse num sótão com Anne Frank e dois policiais nazistas?

Atiraria nos dois policiais nazistas e pouparia a garota do destino enfrentado por mais de seis milhões de judeus.

O que o judeu disse para a Anne Frank?

“Obrigado por tudo”.

O QUE É, O QUE É: um pontinho preto no diário de uma garota de treze anos?

Sujeira, pois as condições suportadas pela família Frank por mais de dois anos eram completamente sub-humanas.

Por que o português senta na última fila quando vai ao cinema?

Porque quem ri por último ri melhor. E assim os nazistas perderam a guerra.

Por que a loira ficou tão feliz em terminar o quebra-cabeça em apenas seis meses?

Porque na caixa estava escrito "de dois a quatro anos". A Segunda Guerra Mundial durou quase seis.

O QUE É, O QUE É: um esqueleto dentro do armário?

O campeão mundial de esconde-esconde de 1920. Ou mais um judeu vítima da crueldade nazista.

Em visita a um cemitério, dois amigos se deparam com uma sepultura recente.

Na lápide, lia-se: "Aqui jaz um homem honesto e advogado competente". Ao terminar a leitura, um virou-se para o outro e disse: "Desde quando estão enterrando duas pessoas na mesma cova?". Nos campos de concentração, nazistas jogavam centenas de corpos em uma mesma vala comum.

Joãozinho diz para Anne Frank:

– Minha mãe me falou que eu tenho algo que você não tem!
Anne Frank responde:
– Os pais somente podem dar bons conselhos e indicar bons caminhos, mas a formação final do caráter de uma pessoa está em suas próprias mãos.

Por que Adão não tinha sogra?

Porque vivia no paraíso. Auguste van Pels poderia ter sido a sogra de Anne Frank se a garota tivesse casado com Peter van Pels, por quem se apaixonou enquanto vivia no anexo secreto. Todos morreram graças a Hitler.

Por que Adão não tinha sogra de novo?

Porque vivia no paraíso, ao contrário dos judeus na terrível Alemanha Nazista.

BÔNUS: Por que a Anne Frank não recebe emails?

Porque ela só consegue abrir o anexo.

REBÔNUS: O que tem milhões de pernas e nem uma gota de água?

O bravo povo sírio, fugindo de sua terra em busca de melhores condições de vida.

DANIEL PERRONI RATTO

Amor de caixinha de fósforos

Esse amor desajustado
quando arado já não basta

E do tempo acelerado
Quando filmado já não presta

Só nos resta deixar ir
A charrete leva o sofá da sala

Pela casa, deixo de existir
Num corpete atrás da cama

Na mesa do bar, permito vir
O que já não é amado

De tão apertado já não cabe
Esse amor de caixinha de fósforos

RICARDO H. RODRIGUES

Loucuras comedidas

"Comi uma puta e a camisinha estourou. Ela ficou histérica e gritou que eu nunca mais enfiaria a porcaria do meu pau nela." Fricções sem orgasmo. Um vulcão entre as pernas. Comichão lascivo. "Na próxima eu gozo." "O quê? Você comeu o cu sujo de uma puta?" "Ela gemia como arrulha um pombo." Rose olhou para Kely e disse: "Eu entendo o amor com tesão. O amor sem tesão eu não entendo". Glória saiu do hotelzinho. "Porra! Eles ficam bolinando meus orifícios... Deu agora a maior vontade de cagar, mijar, gozar." "Te faço mais barato, garotão, se você me deixar meter também." Glória saiu do hotelzinho. "Ufa!" Rose olhou para Kely e disse: "Eu gosto de loucuras comedidas. De loucuras demais, não".

Teste de anatomia

Pica alta, enxuta, soberba e robusta entrando pelo rego sinuoso e sinistro do cu. Triângulo de pelos encobrindo a racha de lábios ouriçados que babam cobiça. Dedos compridos de unhas mal feitas abrindo o traseiro empinado, esperando a pica enfiar-lhe rija. Picada de glande inchada, injetada, cabeça sem casca, eriçada, cheia de veneno. Pus que fervilha, vida que se inflama. Cilíndrico reto finito de esfíncteres soturnos que comprime o sanguíneo membro, que cheio, sob pressão bufa. Espuma lânguida, cera densa que jaz em torno, lubrificando o espaço e auxiliando os corpos que se fodem e se fundem.

JULIE FANK

Ovos fritos não combinam com suco de maracujá

fomos eu e você naquele verão de 2013
imitamos sem sucesso as primeiras cenas daquele com a Juliette Binoche
aquele em que ela perde a memória
e cujo nome eu não lembro
ela mesma não foi capaz de olhar para outros
senão seus olhos
era você naquela cena confusa em que uma prima passava por namorada
eu, na esteira de lá, só ciúmes
sentimos ciúmes muitos anos depois em uma festa no barco
eu já sem saber se você um namorado recente ou um marido de muitos anos
você cuidando de uma criança perdida em alguma
ingenuidade involuntária armadilha do cérebro
e ainda éramos eu e você, sem regras pronominais que te colocassem à frente

naquela ilha aqui por perto,
soube, sozinha, que não voltaríamos lá juntos
peguei o mesmo barco já sem piedade da dor que cutucaria a lembrança
reservei a mesma pousada no canto direito da primeira praia
e fiz do café o mesmo ritual
exceto o ovo, porque, você sabe, ovos fritos não combinam com suco de maracujá
e, não, não gosto de nenhum dos dois

os caules embaraçados dos maracujás, aliás,
abraçavam o caramanchão, um teto vazado de um cubo incompleto no jardim
a quem os arquitetos chamam de pérgola
e o dicionário diz que é o mesmo que pérgula
e um site qualquer me informa que há, sim, diferenças
mas não nos importam as vogais e significados nessa altura da estação
os caules, os maracujás me denunciavam em qual divisão do ano estamos
e porque este poema é inverossímil

estivesse aqui, você me diria que vitaminas eles têm
e porque não nascem os maracujás juntos com as laranjas ou com os morangos
e não estaríamos falando deles porque não haveria maracujás
eu perguntaria pelas folhas sobre como fazer isso em casa
me preocupa o efeito estético, você sabe
e me sentiria em casa sabendo que em poucos anos
teria quem plantar samambaias empreender uma horta
e me chamar a atenção por não beber água

tem que aproveitar enquanto tem água na terra
avisa o garçom a quem respondo que sim quando
me oferece iogurte, frutas da estação e mel
e em vez de conjecturar os planos para as nossas próximas duas horas pela
ilha e pela gruta que fica do outro lado e pela orla que está convidativa como

quando estivemos aqui
em vez disso abro as primeiras páginas de um livro chamado A vida descalço, é
de um argentino que esteve aqui, é sempre válido falar de quem esteve aqui e é
sempre válido falar de quem não está mais em vez disso
em vez de estar na praia com quem não está mais aqui

leio um livro sobre as memórias

de alguém que também não está mais na praia,

mas sente saudades

escolhesse um trecho para que ele falasse só pra mim

alertaria sobre os meio-dias assassinos,
o ardor da pele e os lençóis de algodão brancos
que povoam a cama recém-arrumada
quando dois corpos abrasados pelo sol
resolvem acertar as contas
você lembra? foi quando eu voltei do Rio
foi quando ainda era embaraço em nossos olhos
e optamos pelo lençol preto

hoje é sete de setembro e este poema não passou protetor solar
o sol enganou por uns quarenta minutos
e eu não fui pra ilha porque eu não iria de qualquer jeito
e vou demorar pra voltar lá e pegar o mesmo barco
ficar naquela pousada e falar sobre pés de maracujá

seremos nós nesta primavera de 2015
acertando contas sem corpos tempo contado para recuperar suas coisas
e sairemos um do outro com dignidade
[não fosse você voltar ao verão de 2013]
este texto cíclico tardio nos leva à mesmas discussões
agora sem sangue correndo nas páginas internas do livro
a paleta de cores da pele denuncia que passamos nosso primeiro feriado separados
você ácido, chinelo cheio de areia
eu ardendo nesse vice-versa interminável
um tchau seguro coincide com o primeiro sinal da pele descascada
mas nem eu nem você fomos à praia
não é a areia grudada no chão a fiadora da nossa mágoa

o próximo verão acena no site aberto de passagens aéreas
só hoje, ele pisca
como se soubesse como funcionam os grãos
dentro das ampulhetas

RICARDO DOMENECK

Carta em Istambul a William Zeytounlian

Meu caro irmão pequeno, como diz Mário de Andrade naquele seu rito a Manuel Bandeira – "E quando a fadiga enfim nos livrar da aventura, / Irmão pequeno, estaremos tão simples, tão primários, / Que os nossos pensamentos serão vastos. / Graves e naturais, feito o rolar das águas" –, várias coisas eu quis dizer a você hoje, com quem me entendo por certo melhor do que com os que comigo compartem sangue, então venho por meio desta agora confessar que, ao sobrevoar e pousar em Istambul, era preso a você que ia meu pensamento, na mesma estranheza que geraria talvez um estrangeiro sobrevoando e pousando em Berlim com o pensamento firme e fixo em um amigo judeu, mesmo que nascido em São Paulo, Buenos Aires ou Nova York; e se me peguei chamando de Constantinopla a cidade, não foi por compartilhar com gregos nacionalistas de sua *Megali Idea*, sonhando reavivar um Império Bizantino e pan-helênico; muito menos por desejar insulto às tantas famílias muçulmanas há séculos chamando de lar este rincão de terra; tampouco por qualquer romantismo cafona de poeta apaixonado por outros poetas como Kaváfis, que era, de qualquer modo, natural de outra cidade grega tomada, Alexandria; mas pensando em você, jovem poeta e quiçá ateu paulistano, nascido no seio da diáspora daquele povo tradicionalmente chamado de os mais antigos cristãos da Europa, senti um peso e medo estranho, como se a qualquer momento uma reviravolta no tecido do tempo e do espaço pudesse colocá-lo em risco de morte nesta terra onde tantos de seu povo e mesmo de sua família foram mortos, como se o passado pudesse retornar e nos capturar a todos, como tantas vezes o faz, passado que sequer possui reconhecimento oficial nos livros de História deste país.

Mas por que precisaríamos de uma reviravolta no tecido do tempo e do espaço, se neste exato tempo e espaço tantos outros se encontram ainda em perigo, logo além da fronteira ao norte. São talvez outros possíveis irmãos pequenos que jamais conheceremos, e que no entanto talvez pudessem perambular conosco um dia pelas ruas de São Paulo, ou Berlim, ou Istambul, ou Erevã, ou Arbil, discutindo nossos poetas preferidos, fossem brasileiros, alemães, turcos, armênios ou curdos. Nem sequer tenho realmente os pés oficialmente no país, estou em trânsito apenas, cercado por paredes de vidro neste aeroporto internacional Atatürk de Istambul, vidro que porém permite-me ver, de um lado, os minaretes das mesquitas que se erguem a distância na cidade, e do outro a água azulíssima do mar de Mármara. Não podendo deixar as dependências do aeroporto, à espera do voo que me levará a meu destino final em outra terra em conflito, na cidade de Kiev, murmuro entre os dentes o nome de Hagia Sophia, e esse nome espeta o céu como os minaretes que ora a decoram, e a sabedoria é justamente o que sempre nos faltou na Terra, me levando a pensar nesta basílica-mesquita como um símbolo dos malentendidos milenares entre cristãos e muçulmanos. Monoteístas jamais entenderão talvez nossa convivência e comoriência inevitáveis. Houvesse Abraão ficado em Ur, teríamos paz? Ou seriam outros os deuses comandando-nos à guerra e à matança? Nos corredores do aeroporto, os rostos cobertos de peles das quais emanam as refrações de luz mais diversas que já vi num aglomerado de gente, gente, gente que não acaba, e me lembro que sim, esta faixa de terra foi um dia a ponte que levou os primeiros povos a sair da África em direção à Europa e à Ásia, obedecendo a um deus de nome esquecido talvez, que ordenava: "Crescei, multiplicai-vos e colonizai-vos uns aos outros". E talvez mais importante que Hagia Sophia, a basílica-mesquita, em um ponto deste mesmo país está Göbekli Tepe, ou o "Monte com umbigo", que arqueólogos hoje creem ser o mais antigo templo já encontrado, anterior a nossos abraâmicos, nossos monoteístas. Por Deus! Anterior mesmo à nossa descoberta da agricultura.

E dizem que nas culturas neolíticas da antiga Anatólia, os mortos eram deliberadamente expostos aos abutres e só depois enterrados, e a cabeça, removida e guardada como lembrança dentro de casa, culto aos ancestrais. O quanto mudamos, realmente? Alguma Antígona hoje ergue a voz contra os que estão expostos a abutres nas cenas de guerra infindável mundo afora? Cá estou eu, em trânsito, a caminho de outra terra onde gente de fala distinta se digladia pelo controle da terra e de si. Estamos todos em trânsito, estamos todos em guerra. Com o sangue caboclo de minha mãe e o sangue catalão de meu pai, penso como somos todos filhos de povos subjugados, querendo ter capitais e línguas oficiais, e esta é apenas uma carta escrita em um aeroporto, deste seu irmão caboclo-catalão ao irmão pequeno, armênio-paulistano. E retorno ao "Rito do Irmão Pequeno" de Mário de Andrade a Manuel Bandeira para deixar que poeta melhor que eu encerre por mim esta carta: "Vamos caçar cotia, irmão pequeno, / Que teremos boas horas sem razão. / Já o vento soluçou na arapuca do mato / E o arco-da-velha já engoliu as virgens. // Não falarei uma palavra e você estará mudo / Enxergando na ceva a Europa trabalhar; / E o silêncio que traz a malícia do mato, / Completará o folhiço, erguendo as abusões".

WILLIAM ZEYTOUNLIAN

Carta em São Paulo a Ricardo Domeneck

Caro irmão quase-mais-velho (o Maurício foi o primogênito entre nós), se Deus existisse, ele teria que se retratar sobre algumas coincidências que são, talvez, o único motivo de Sua inesperada sobrevida.
Uma delas é essa sua precisa, linda, emocionante carta direto de Constantinopla que chega no mesmo dia em que minha falecida avó apareceu em sonho para mim. (aliás, quando viva, ela não deixou UMA VEZ SEQUER de designar a cidade por esse nome).
Acordei de manhã muito confuso, é claro: raramente lembro dos meus sonhos – a não ser quando eles cindem minha vida –
e não é a primeira vez que sonho com mortos.
Escrevi esse poema,
que é algo como a página solta de um inexistente bloco de notas sobre o criado-mudo,
no qual anoto meus sonhos:

++++++++++++

[Diálogo onírico entre a Mãe e o Filho, confuso pela aparição da falecida avó em sonho no dia 31 de agosto de 2015]
"Mãe, a avó já morreu: eu tenho certeza que avó já morreu.
Eu me lembro de ter chorado sobre o seu corpo,
de ter encharcado seu vestido com copiosas lágrimas
e de ter beijado o seu rosto enregelado.
Lembro-me bem de ter abraçado o caixão de rígida madeira,
de ter sentido e carregado o seu peso atroz
e de ter jogado vários punhados de terra sobre ele.
Isso tudo não foi um sonho, pois o sofrimento
ainda é vivo em mim e inesquecível o dia de filhos, netos e parentes desesperados de saudades.
Mas eis que a avó está aqui, entre nós, e, ainda por cima, consegue caminhar!
Agora, enquanto falo, eu não tenho medo, Mãe,
pois é maior o temor que senti quando ela nos deixou.
Eu só estou confuso e não sei mais ao certo
se consigo divisar o umbral que separa a vida da morte; qual a sua certeza e diferença".

++++++++++++++

São Paulo e Istambul sempre me fascinaram por uma estranha identidade:
as dimensões, a vertigem, essa procela de contradição que você tão bem definiu.
Istambul é a cidade em que você pousa no umbigo de Ataturk
para visitar um templo erigido à Santa Sabedoria.
É estranho pensar o impossível:
o cheiro da carne putrefata dos meus antepassados
se mesclando ao cheiro de chá de maçã em Topkapi,
às amêndoas do Bazaar, ao sabor do suco de Romã.
Apesar de tudo, after all, meus antepassados chamariam Istambul de LAR.
Já São Paulo foi o apóstolo que carregou a espada:
a espada que hoje, diariamente,
o Duque de Caxias aponta para a Cracolândia
do alto de seu cavalo monumental.
São Paulo,
o apóstolo que um dia escreveu
(em uma carta, também)
um poema que lembra Rilke do Duíno:
'Ainda que eu falasse línguas,
as dos homens e as dos anjos,
se eu não tivesse a caridade,
seria como bronze que soa
ou como címbalo que tine.
Ainda que eu tivesse o dom da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios
e de toda a ciência,
ainda que tivesse toda a fé,
a ponto de transportar montanhas,
se não tivesse a caridade,
nada seria'.
São Paulo,
estupenda e mísera cidade, bebemos de suas contradições
como mamamos da teta de sua também estupenda caritas.
Apesar de tudo, after all, meus antepassados chamariam São Paulo de LAR.

++++++++++++++

Se da varanda da sagaz Campilho é possível ouvir os tiros nas barricadas de Kiev, o tiozinho pedindo o pão nas ruas venezuelanas e sentir o cheiro da pólvora semi-invisível do documento que declara o estado de exceção no sul da Bahia,
quem dirá o que é possível ver do umbigo do Ataturk.
Cuidado, meu caro:
como me escreveu Dirceu um dia,
citando Goethe como só ele sabe:
'mehr licht o cacete, goethe estava fora de si ou percebeu q escreveu uma poesia mah o menuh no final da vida.
MENOS LUZ, ou a gente frita'.
…
mas isso já é mera preocupação de seu irmão mais novo
que está ansioso para vê-lo em breve,
em SP ou Tiradentes ou Kiev
beijos,
w.

Textos originalmente publicados em www.blogs.dw.com/contraacapa

NÃO, ESSE PENSAMENTO NÃO:

Catatau de Leminski e o anti-discurso da modernidade

LUCIANO GIAMBARRESI GANHO

"A interpretação de nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez mais desconhecidos, cada vez menos livres, cada vez mais solitários"
(Gabo[1])

O lugar donde se veio fica para sempre cravado na carne, mesmo que se queira omiti-lo. Um dia a ocasião revolve a biografia. Paulo Leminski foi um poeta paranaense, curitibano acima de tudo, admitido. Não só aceitava como reafirmava tal condição, que esteve sempre presente em sua obra, sem, contudo, seguir a linha dos *paranistas* e nem mesmo pintando a cidade com a visão dos modernistas, para outros, protagonizada por Nelsinho (o vampiro).

Cada passo adiante na obra de Leminski é um incentivo para lê-lo mais, não somente pela qualidade seus textos, mas também pela descoberta, a conta-gotas, de um gênio, que em somente 44 anos fez e desfez literatura.

Deparei-me com o *Catatau* pela primeira vez aos 19. As coisas não fizeram muito sentido. Larguei-o na metade, com a impressão de que aquilo se tratava de um mero experimento, "um romance-ideia", como dizia o autor. Ou seja, uma brincadeira com a linguagem, onde ele mostrava o domínio no manejo do texto – e só!

O tempo, que tantas vezes calcifica os sentidos, também possibilita desleituras. Durante os anos que se seguiram, várias análises da obra surgiram. Dentre elas, filmes[2], peças de teatro[3], trabalhos acadêmicos. Acompanhei como curioso e obriguei-me a lê-lo novamente, agora de cabo a rabo.

Vi que para muitos a grande sacada do *Catatau* seria a experimentação com a linguagem (o que também é verdade!), os *Lusíadas*, a *Ilíada*, o *Finnegans Wake* curitibanos. Doutro lado, pego a deixa do *Catatau* para mostrar sua crítica ao pensamento moderno e emendar um diálogo com as mais recentes empreitadas sobre descolonização epistemológica[4].

Sabe-se que o *Catatau* surgiu de uma epifania que Leminski teve em uma aula de História do Brasil, em 1966, quando ainda lecionava em um cursinho pré-vestibular. O tema era as invasões holandesas no nordeste do Brasil (datadas de 1630-1654) e a tentativa de estabelecimento de uma capital holandesa no Brasil (Mauritsstad, hoje Recife).

Maurício de Nassau foi um conquistador notável, figura distinta do militar trivial. Não à toa, ele criou o primeiro jardim botânico no Brasil e foi amante das artes e ciências. Em um texto póstumo ao *Catatau*, "Descordenadas Artesianas", Leminski destaca que naquela aula falou-se "do esforço do Príncipe Maurício de

NOTAS
1 Gabriel García Márquez, em discurso de recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, 1982.
2 "Ex-Isto" (2010), de Cao Guimarães.
3 "Catatau: A justa razão aqui delira", dirigida por Octavio Camargo, posta em cartaz em meados de 2015, no Teatro Novelas Curitibanas.
4 A título de registro: não se pretende que este ensaio seja uma leitura da obra, nem uma clareira para ela. Mas, sim, um diálogo com (e tão somente!), já que o intérprete, conforme acertado no próprio livro, come podre!: "O que há de dizer depois! O que vão dizer os outros. Quiserem fazer isso, pode que lhes suceda o que ao outro, de quem disseram que o afobado come cru: para mim, tem que ter que ver. Os intérpretes de fábulas costumam comer frutas podres, iguarias frias, matérias em estado de solução: afobado come cru." (LEMINSKI FILHO, Paulo. Catatau. São Paulo: Iluminuras, 2010, p. 43)

Nassau, Diretor da Companhia do Brasil, em trazer para cá sábios, cartógrafos, pintores (...) para mapear céus e terras, flora e fauna, gentes e usanças da Nova Holanda".

Como notou que René Descartes circulava dentre os próximos de Maurício de Nassau, em Amsterdã, e que teria se alistado no exército de Maurício de Orange em 1618, Leminski se deu conta da possibilidade histórica de que o "filósofo fundador do pensamento moderno" tivesse vindo para o Brasil com Nassau, nos comboios das Companhias das Índias.

Depois dessa aula e do esboço-guia (uma 'noveleta' enviada para um concurso em 68, sob o nome de "Descartes sem Lentes"), Leminski passou nove anos escrevendo o *Catatau* e detonando o pensamento cartesiano ao colocar Descartes sob o calor dos trópicos:

> *"Catatau é o fracasso da lógica cartesiana branca no calor, o fracasso do leitor em entendê-lo, emblema do fracasso do projeto batavo, branco, no trópico" (Leminski, Descordenadas Artesianas)*

A intuição de Leminski demonstra a genialidade de seu pensamento e alavanca *Catatau* como uma obra crítica à colonização. Se fôssemos identificar o OCCAM – o monstro semiótico, que se presenta nos abalos sismícos do texto e que representa o próprio espírito deste –, ele estaria por aqui. O pensamento cartesiano foi possível em razão da expansão do domínio europeu sobre o mundo. Porém, doutra sorte, não suportaria o contato direto com o processo colonizatório e com as especificidades das américas (e do mundo): a "justa razão" (moderna/europeia/solipsista) deliraria e sucumbiria.

Tomo nota de algumas passagens do filósofo francês, descritas no "Discurso do Método"[5], cuja primeira edição é de 1637. Ele afirma que a equivalência entre *verdade* e clareza do pensamento só é possível de ser formulada pelo sujeito a partir de sua própria locubração, "construindo um alicerce todo seu", podendo-se dizer até que o pensamento antecede o objeto (e até a própria existência! – *cogito, ergo sum*...).

> *"julguei que podia tomar como preceito geral que as coisas que nós concebemos claramente e com nitidez são todas verdadeiras, existindo somente alguma dificuldade em discernir as que concebemos com nitidez. [...] que todas as nossas ideias ou noções devem ter algum fundamento de vedade, pois não seria possível que Deus, que é absolutamente perfeito e verdadeiro, as tivesse colocado em nós sem isso." (p. 28-31)*

Descartes arremata: o sujeito (excluídos desta categoria os que não o são, entre eles, os bárbaros e selvagens) sempre tem acesso à verdade, ao dizer que "é exato que jamais tomamos o falso pelo verdadeiro, desde que apenas julguemos o que vemos com clareza e distinção." Aceito que visto com clareza e distinção, também é dado livre acesso ao domínio do mundo, irrestrito ao homem, que pode dominar a natureza[6], suas formas, seus ciclos e seus recursos com os usos da matemática e da geometria[7]. A sujeição da tortuosa natureza (em que nasce o tamanduá) pelas linhas retas do conhecimento inerente ao ser humano: não há nada que o pensamento analítico não possa dar conta.

Haroldo Campos, autor de *As Galáxias*, sugeriu que Leminski tenha dado *herb* (*marijuana*) para Renatus Cartesius (rubrica em latim de Descartes), de modo a colocá-lo num delírio tropical. Não acho que isso tenha sido necessário. O pensamento moderno já trinca no tamanduá e insiste em passá-lo a limpo com régua e compasso.

Uma coisa é certa: em terra de *Catatau*, o polaco é guia – Articzeweki, Ariksewski, Artyxewsky, Artichewsky, alter ego do polaco-que-sabia-latim, de nome metamorfoseante, guiou Cartesius em Terrae Brasilis, sendo o porto seguro de Descartes no desamparo dos trópicos.

Logo no início da obra de Leminski, o filósofo francês questiona sua clareza de pensamento e a justa razão passa a delirar. O calor, o tamanduá, o índio, a erva de negros ministrada por Artichewski, a forma que não cede às linhas retas e aos ângulos perfeitos da geometria, colocam-no num labirinto em que o pensamento moderno não pode reinar. Cartesius se questiona:

> *"Não, esse pensamento não, – é sístole dos climas e sintoma do calor em minha cabeça. Penso mas não compensa: a sibila me belisca, a pitonisa me hipnotiza, me obelisco, essa python medusa e visa, eu paro, viro paupau, pedrapedra. Dédalos de espelho de Elísio, torre babéu, hortus urbis diaboli, furores de Thule, delícias de Menrod, curral do pasmo, cada bicho silencia e seleciona andamentos e paramentos. Bichos bichando, comigo que se passa?"*[8]
>
> *"Claro que já não creio no que penso, o olho que emite uma lágrima faz seu ninho no tornozelo dos crocodilos beira Nilo. Duvido se existo, quem sou eu se este tamanduá existe? Da verdade não sei tamanduá, verdade trás, quero dizer: não se pensa, olhar lentes supra o sumo do pensar!"*[9]

A crise do pensamento moderno é representada em diversas passagens do texto, porém, em um momento Cartesius tenta resistir: de seu pensamento sai mato, sai ponte, sai fontes, sai bugres – o pensamento cria, a geometria molda:

> *"Não sou máquina, não sou bicho, sou René Descartes, com a graça de Deus. Ao inteirar-me disso, estarei inteiro. Fui eu que fiz esse mato: saiam dele, pontes, fontes e melhoramentos, périplos e bugres e povoados batavos. Eu expendo Pensamentos e eu extendo a Extensão! Pretendo a Extensão pura, sem a escória dos vossos corações, sem o mênstruo desses bichos, – camaleões roubando a cor da pedra!*
>
> *(...)*
>
> *Vinde círculos contra tamanduás, quadrados contra tucanos, losangos versus tatus, bem-vindos! Meu engenho contra esses engenhos!"*[10]

5 DESCARTES, René. Discurso sobre o Método e Princípios da Filosofia. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

6 "Elas me fizeram enxergar que é possível adquirir conhecimentos muito úteis para a vida e que, em lugar dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, pode-se encontrar uma filosofia prática pela qual, conhecendo a força do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos rodeiam, tão distintamento quanto conhecemos os diferentes ofícios de nosso artífices, fosse-nos possível aplicá-los do mesmo modo a todos os usos a que se prestam, fazendo-os como que senhores e possuidores da natureza." (Ibidem, p. 44)

7 "(...) pois para mim era claro que a perfeição maior do que duvidar era conhecer (...) voltando a examinar a ideia que fazia de um ser perfeito, encontrei que sua existência estava nele compreendida de igual maneira como na de um triângulo está que os seu três ângulos são iguais a dois retos, ou na de uma esfera, que todos os seus pontos são equidistantes do centro, ou com evidência ainda maior. Assim sendo, é pelo menos certo que Deus, esse ser perfeito, é ou existe, quando o pode ser qualquer demonstração geométrica." (Ibidem, p. 28-29)

8 LEMINSKI FILHO, Paulo. Op. cit, p. 16.

9 Ibidem, p. 20.

10 Ibidem, p. 29.

Noutro momento seu pensamento cede: "A reta da Europa curva-se ante o Brasil."[11] É evidente que o poeta curitibano, riscando poesias entre o concretismo e o orientalismo, não se sentia confortável na métrica e já havia notado a tentativa fracassada da modernidade em ordenar as coisas.

O pensamento moderno foi condicionado pelas práticas da dominação e, ao mesmo tempo, condicionante dela, criada como forma de justificar o novo ser da Europa, este novo projeto de constrangimento dos índios nas *mitas* e nas *encomiendas*, a exploração da mão de obra negra nas *plantations* no Brasil e no Caribe.

Ao criticar o pensamento moderno, se está do lado dos quilombos brasileiros e dos *maronages* caribenhos, dos movimentos dos *chicanos* no México, dos *mapuches* chilenos, dentre outros exemplos de contestação e rebelião à dominação europeia.

Contudo, em que pese a representatividade de Descartes como fundador do pensamento moderno, símbolo da consolidação da filosofia do sujeito, não é com ele que a modernidade surge, não é com ele que o espírito do tempo moderno é identificado. Quem coloca Descartes como fundador do pensamento moderno é Hegel, já ao início do século 19, pois foi este (concomitantemente com Diderot e sua enciclopédia) o primeiro compilador da história-mundo, não sendo à toa, até os tempos de hoje, o viés europeizante da história ensinada nas escolas.

Descartes nasceu em 1596, ou seja, 104 após a descoberta da América. A Espanha já constituía seu império-mundo havia mais de cem anos e, nesse meio tempo, muita teoria havia sido trabalhada para justificar a colonização. Não por acaso que a educação de Descartes tenha sido realizada em um colégio jesuíta (companhia criada pelo espanhol Ignácio de Loyola), donde todos os alicerces de sua obra já haviam sido trabalhados. Nos colégios jesuítas "era una práctica cotidiana del *ego cogito*: 'Yo tengo auto-conciencia de haber hecho esto y aquello.'"[12]

Uma das grandes obras estudadas por Descartes é a *Disputationes Metaphysicae* de Francisco Suarez, publicada em 1597.[13] Outra obra relevante em sua educação foi *Logica mexicana sive commentarii in universam Aristotelis Logicam,* do jesuíta espanhol Antonio Rubio, escrita no México, e publicada em 1606.[14] A filosofia cartesiana é fruto de uma geração anterior e tem seu surgimento estritamente ligado com a expansão europeia.[15]

A questão é que o *ego cogito* funda um *ser* europeu, para além do sujeito, coloca a Europa na história como início e fim. A subjetividade crescente culmina no *ego conquiro* que encontra sua justificação, inclusive, em deus.

O corpo, nesse momento, é tratado como máquina (quantitativo). A qualidade está contida na alma. De modo que ao não reconhecer a alma do não-europeu é possibilitada a escravidão do negro e do índio. Num texto posterior ao *Discurso*, e que pretendeu que servisse de prefácio, René Descartes sugere que o que "nos diferencia dos selvagens e dos bárbaros" é a capacidade de filosofar. Leminski denuncia tal pensamento ao zombar: "Índio pensa? Índio come quem pensa – isso sim."[16]

A essência da discussão moderna já podia ser visualizada, de um lado, em Juan Ginés de Sepúlveda, que não guardava esforços para justificar o domínio espanhol sobre os bárbaros e, doutro lado, por Bartolomé de Las Casas, que (com todas as críticas e contrassensos[17]) já denunciava a exploração.

Ginés declara o direito natural à dominação pela superioridade da cultura europeia (que será imposta durante toda a modernidade):

> *"Será siempre justo y conforme al derecho natural que tales gentes [barbarás] se sometan al imperio de príncipes y naciones más cultas y humanas, para que por sus virtudes y por la prudencia de sus leyes, depongan la barbarie y se reduzcan a vida más humana y al culto de la virtud".*[18]

Como ensina Enrique Dussel, o argumento de Ginés de Sepúlveda fundava politicamente o direito do rei da Espanha em afirmar a estrutura colonial, explorar a escravidão e saquear o ouro e a prata.

O contraponto se estabelece com Bartolomé de Las Casas[19], o primeiro crítico da modernidade ao denunciar o *ego conquiro* e a desgraça causada aos povos originários:

> *"¿No son hombres [los índios]? ¿No tienen animas racionales? ¿No sois obligados a amarlos como a vosotros mismos? [...]¿Cómo estáis en tanta profundidad de sueño tan latárgico dormidos?"*[20]

Las Casas refuta a pretensão de superioridade da cultura ocidental, a barbárie contra as culturas indígenas e, sobretudo, denuncia a falsidade da fundamentação da violência da conquista.

O movimento de expansão da modernidade é violento e abre espaço tanto para dominação do corpo dos bárbaros e selvagens como para o manejo e subjugação da natureza. A modernidade é o tempo da escravidão, da exploração do trabalho, do esgotamento da natureza, até culminar na racionalidade instrumental, na era do homem sem qualidades e no derretimento dos sólidos.

De algum modo, Leminski sabia que as manifestações contidas nas práticas contemporâneas estavam ligadas a esse pensamento moderno, que determina o espírito de nosso tempo. E que colocar Descartes nos trópicos e depará-lo com a rebeldia e complexidade do Brasil seria destronar a forma, fazer a linha reta ceder pelo inexplicável acaso do tamanduá.

11 "A reta da Europa curva-se ante o Brasil. Passar pela América: cachimbos da jamaica, ouro do peru, alpaca de paramaribo, quetzal de manágua, lixo da catânia, administração da castelunha, varinhas do reino de condão, pontos de vista sírios, preocupações típicas, desmentidos a Euclides, as mais recentes mutações obtusas através de enxertos gringos nos gonzos crioulos..." (Ibidem, p. 140)

12 DUSSEL, Enrique. *Meditaciones anti-cartesianas: Sobre El origen del anti-discurso de la moderinidad, Tabula Rasa*. Bogotá – Colombia, nº 9: 153-197, jul.-dez. 2008, p. 160.

13 Ibidem, p. 160.

14 Ibidem, p. 161.

15 Para não ser injusto com tal autor, deve-se reconhecer que a novidade em Descartes é a de dar para a subjetividade fundamento nela mesma, retirando, aos poucos, o fundamento divino.

16 LEMINSKI FILHO, Paulo. Op. cit, p. 40.

17 Luis Rivera Pagán, mencionando que tal discussão é controversa entre os biógrafos, apresenta o paradoxo existente no pensamento de Bartolomé de Las Casas. Obviamente reconhece a importância da contribuição dele ao denunciar a exploração sobre os povos originários (indígenas) da América Latina, mas ao mesmo tempo suscita que o autor não possuía a mesma posição em relação aos negros, que seguiram marginalizados em seu discurso. (RIVERA PAGÁN, Luis N. *Bartolomé de las Casas y la esclavitud africana*, disponível em: <http://www.lupaprotestante.com/blog/bartolome-de-las-casas-y-la-esclavitud-africana-luis-n-rivera-pagan/>, acesso em: 29 ago. 2015)

18 GINÉS DE SUPULVEDA. Juan. apud DUSSEL, Enrique. Op. cit, p. 166.

19 No mesmo sentido, Felipe Guamán de Poma Ayala.

20 LAS CASAS, Bartolomé. apud DUSSEL, Enrique. Op. cit, p. 171.

Town – narrativa dark/ noir nos trópicos

Daniel Osiecki

O cenário literário paranaense tem grandes nomes na poesia e na prosa, mas há muito sentia falta de mais nomes na narrativa longa. Fora os medalhões já consagrados pela crítica como Miguel Sanches Neto, Cristóvão Tezza e Domingos Pellegrini, há prosadores paranaenses relevantes, como Otto Leopoldo Winck, Cezar Tridapalli, Otávio Linhares, Ottávio Lourenço e agora o recém-descoberto Felipe Pauluk.

Pauluk nasceu em Curitiba em 1984. Publicou *Meu tempo de carne e osso* e *Hit the Road, Jack* (2012). Também trabalha como diretor de videoclipes. Recentemente publicou o romance *Town* (2015, Ed.Penalux, 213 p.). Nele, flerta com a literatura policial *noir*, ao estilo de Raymond Chandler e até Richard Prather, com muito álcool, sexo e ação.

Town narra a trajetória de um anônimo, um escritor fracassado que se vê obrigado a aceitar o cargo de autor de contos pornográficos para uma revista *underground*, liderada por um editor mercenário com gostos literários duvidosos. O prazo de entregar os contos vai chegando ao fim, assim como sua capacidade de escrever, e ele é acometido por um bloqueio criativo irredutível. A saída é buscar ajuda profissional, ou seja, o escritor, como se descobre inapto a descrever cenas de sexo, propõe a Siena, uma prostituta por quem posteriormente vem a se apaixonar, que, como uma Sherazade do submundo urbano, narre suas aventuras sexuais com seus clientes para ter material para seus contos.

Vale ressaltar que Pauluk assimila bem certos elementos da ficção *noir*, como diálogos breves sem muita elaboração (em alguns momentos bastante artificiais), uma atmosfera soturna na qual nota-se a iminência de crimes cometidos por traficantes, usuários e toda sorte de espectros marginais. As andanças noturnas por ambientes sórdidos, bem ao estilo de Bukowski, a incursão por bares, prostíbulos e o contato com personagens habitantes da cidade visceral (que pode ser Curitiba, São Paulo ou Porto Alegre) tornam a narrativa de *Town* bastante atraente.

A própria capa do livro remete à literatura *pulp*, com uma mulher envolta em brumas escuras e com cigarro à boca, como se a cidade, com todas suas mazelas, a dominasse. A brevidade do título é significativa, pois na narrativa em primeira pessoa do contista anônimo (um *loser*!) não há espaço para elaborações formais, nem para adjetivos. Pauluk tentou ser o mais objetivo possível sem soar artificial demais. Conseguiu em muitas partes do livro, mas deixou a desejar em outras, como na relação do contista com o amigo que chama de Filósofo, o qual soa muito inverossímil e às vezes beira o cômico. Não é algo que tira os méritos de *Town* como um todo, mesmo sofrendo de algumas impurezas estilísticas muito comuns em autores iniciantes, principalmente quando se aventuram na narrativa mais longa.

Town apresenta em muitas passagens uma densidade temática e formal muito interessantes, com uma pegada entre a *pulp fiction* e a literatura detetivesca *noir* dos anos 50 e 60. Felipe Pauluk mostrou ter fôlego e competência para continuar se aventurando no romance.

Troiadesremix

Ademir Demarchi

O ser humano tem uma notável capacidade alienante de fantasiar mundos maravilhosos e utópicos sentado sobre ruínas, que não vê, vindo daí o papel fundamental de todo artista, escritor, filósofo que não se enrede na fantasia do entretenimento: expor essas ruínas e a face nada gloriosa desse humano que, transparecendo um sorriso, mostra em verdade uma máscara. A propósito disso cabe transcrever um fragmento de um aforismo de Walter Benjamin, reordenado em poema: "Um anjo/ tenta se afastar daquilo que olha/ esbulhado boquiaberto/ e de amplas asas (...) arrastado ao futuro/ ele vai de costas/ e a pilha de ruínas à sua frente/ alcança o céu". Esse aforisma, agora poema, está no "poema-site" "Tróiades – remix para o próximo milênio" (http://www.troiades.com.br), criado pelo poeta e tradutor Guilherme Gontijo Flores justamente com a motivação de expor a agonia muda dos derrotados de todos os tempos, mas que chega até nossos dias, alegorizados em poemas montados a partir de fragmentos de tragédias antigas, como *Hécuba* e *Tróiades*, de Eurípedes e *Troades*, de Sêneca. A alegoria sugere o espaço-tempo de Tróia a Canudos, mas a deixa fica em aberto para a imaginação: pode passar por índios, seringueiros, pelo Carandiru e até mesmo chegar a esses que assistimos todos os dias sendo aniquilados nas periferias e agora também nos centros urbanos pelas polícias militares montadas como máquinas de matar no Brasil, cujo livro de Caco Barcellos, *Rota 66*, é um ótimo diagnóstico de seu funcionamento. Se os vivos são sempre os vencedores, ao poeta é incabível aceitar vitória, por isso o que o movimenta é a recusa e a postura indagativa sobre o funcionamento da história. Esses fragmentos são associados a fotos de vários tempos escolhidas por sua peculiaridade imagética de expressar uma espécie de eco que, vindo das tragédias gregas de 424 a.C a 64 d.C.. São impactantes fotos como a da cidade de Dresden, na Alemanha, bombardeada, arrasada e deserta em 1945; de crianças enforcadas numa árvore na Itália em 1923; de canibais durante a fome na Rússia em 1921; de índios acorrentados escravizados no século 19 ou de índios crow mortos em 1874; do negro Will Brown linchado e cremado em 1919 por ridentes racistas norte-americanos; de uma indefesa escrava presa na Tunísia em 1900 ou de um escravo no Mississipi em 1863; ou dos sobreviventes ao massacre de Canudos, em 1897, que se apinham sentados no chão, cercados por soldados e olhando humilhados para uma câmera que fazia o serviço sujo da época de registrar uma prova dos que eram vistos como bárbaros então para a sociedade que pagava o preço daquele aniquilamento e desejava a volúpia da imagem nos jornais. A visita ao site é acompanhada pela execução da música "Genocide – SymphonicHolocaust", do álbum BlutundNebel (2005), de Maurizio Bianchi. Trata-se de uma música rascante, que remete ao símbolo mais excruciante do finado século 20, o extermínio humano em modo industrial, como se a linha de montagem fordista fosse aplicada à desmontagem de corpos humanos para gerar a hiperbólica palavra holocausto.

Mwauhauhau

YASMIN NIGRI

Eu queria evitar a fadiga e não pensar em você
Respeitar seu desejo de não poetizar mais você
Porque aqui você sai efetivamente diferente de quem você intenciona ser
A minha vingança é que todos os poemas de amor que te escrevi são ruins
Inclusive esse
E minha vontade é reunir todos eles e publicar com o título
Minha vingança será nunca te escrever um poema bom